

Brasília como texto de cultura

Paula Francinetti da Silva

Resumo: Explorar a cidade de Brasília como um texto que comunica, gera sentido e conserva uma parte importante da memória histórica do país constitui o objetivo deste trabalho. Para abordar o tema optou-se pela apropriação do conceito de texto e semiosfera de Iuri M. Lotman que permitem identificar a interação do sujeito social com seu contexto espacial e afirmar ser a cidade um texto cultural porque contém elementos de diversas tradições culturais e inclui constantes diálogos internos.

Palavras-chave: Brasília – semiosfera - texto de cultura

Abstract: To explore the city of Brasília as a text which communicates, generates meanings and keeps an important part of the historical memory of the country is the aim of this work. To accomplish this, we choose to use the concept of text and semiosphere, by Iuri M. Lotman, which allow the identification of an interaction of social subjects with their special context and to affirm to be the city a cultural text because it bears elements of various cultural traditions and includes constant intern dialogues.

Keys-words: Brasília – semiosphere – text of culture.

O objetivo fundamental deste artigo é analisar a cidade de Brasília como um texto de cultura. Neste *tipo de análise*, a semiótica da cultura é empregada para identificar a cidade como um espaço de encontros culturais, traduzidos como momentos explosivos, capazes de redirecionar o campo de forças em todos os níveis da conjuntura social. Inicialmente, para abordar o tema é necessário definir o que é um texto. A palavra texto remete etimologicamente ao tramado dos fios da tela. Esta alusão à antiga técnica de tecer, nos faz entender o texto como uma trama, uma ação de combinar, de enredar, de construir redes de relações, um mecanismo dinâmico capaz de gerar novas informações que não se mantém idêntico ao longo de sua transmissão.

Esta definição de texto, extraída do pensador soviético Iuri Lotman, vem modificar substancialmente o seu conceito: “o texto não é a realidade, mas o material para a reconstrução da mesma” (Lotman, 1993:127). Este é o ponto de partida para pensar o espaço

físico de Brasília como texto.

Brasília foi e tem sido um espaço básico da vida social, cultural e política, tanto da cidade como do país. Nela se tem posto em cena diversas tramas que marcaram a história do Brasil, por isso, afirmarmos que é um texto de cultura. Para esclarecer melhor, cabe enfocar o sentido de cultura na visão de Lotman (1993). Em uma primeira definição, cultura é a informação não hereditária que recolhe, conserva e transmite as sociedades humanas. Posteriormente, Lotman, em seus avanços teóricos-metodológicos, corrige e reconstrói sua teoria, em analogia com a biosfera, conceito introduzido pelo biogeoquímico Vladimir Ivanovich Vernardiski, que afirmou que na biosfera todo organismo vivo – objeto natural – é um corpo natural vivo. A matéria viva da biosfera é o conjunto dos organismos vivos, presentes em seu interior. Segundo Vernardiski, a biosfera tem uma estrutura perfeitamente definida, que determina sem exclusões tudo o que acontece em seu interior.

Enquanto a biosfera designa a esfera da vida no planeta, a semiosfera, conceito criado por Lotman, designa o espaço cultural habitado pelos signos. Assim, a semiosfera é aquele espaço semiótico fora do qual não é possível a existência da semiose. Para Lotman, fora dele, nem os processos de comunicação, nem o desenvolvimento de códigos e de linguagens em diferentes domínios da cultura seriam possíveis. Neste sentido, a semiosfera é o espaço semiótico em que ocorre a interrelação tanto do signo como do sujeito, elementos substanciais em toda semiótica; sem eles a semiose não pode produzir-se. Para explicar a semiose, Lotman afirma que o signo está situado no seio de uma coletividade onde se intercambiam informações. O signo tem a capacidade de exercer substituição, e para que um fenômeno qualquer possa converter-se em signo ou seja, em portador de um determinado significado, deve fazer parte de um sistema em que se estabeleça uma relação entre um signo e um não signo. O signo anterior encontra sua explicação nos mecanismos de exclusão e inclusão, no estático e no dinâmico, no contínuo e descontínuo, em suma pela tensão intersecção, a partir do diálogo estabelecido entre as esferas do emissor e do receptor e na contradição dialética que se produz a nova esfera, a nova semiose, o novo signo com seu significado.

Neste sentido, o marco do funcionamento semiótico do texto, a cultura, é considerada como um conjunto de textos em que se produz a semiose e sua conseqüente geração de sentidos. Exemplificando, um determinado sujeito tem uma identidade própria que foi adquirida através da comunidade, através da cultura em que nasceu, portanto vive em uma semiosfera na qual existem elementos identitários, como os usos e costumes, o tipo de vestimenta, a comida, os símbolos religiosos. Mas quando este sujeito (em sentido coletivo)

entra em contato com outro sujeito de outra cultura se cria uma tensão lingüística, porque se incorporam elementos de outra cultura à sua cultura por meio dos mecanismos de inclusão, mas também são rejeitados outros elementos da outra cultura e da própria cultura, e isso ocorre mediante os mecanismos de exclusão. Assim, forma-se um texto de cultura que se deforma, modifica, transforma e tem uma função: a produção de novos significados.

Assim, para o pensador soviético, a criação do espaço sociocultural encontra sua origem no âmbito do simbólico. Em sua origem, a palavra nomeia e que dá conta da existência das coisas e dos seres. Por isso é importante revisar a teoria do texto cultural nos postulados de Lotman.

Lotman (1993) afirma que cada informação contextual utilizada para a interpretação do enunciado deve não somente fazer parte do saber do emissor e do receptor, mas também do saber mútuo. Este saber mútuo pode ser associado a uma memória comum do emissor e do destinatário. Aqui ele dá prosseguimento às idéias de Bakhtin quando afirma que na natureza de um diálogo pode ser constatada a presença de um emissor e um destinatário, ou seja, de uma memória comum. Assim, para o autor, a transmissão de informação no interior de uma estrutura sem memória, garantiria um alto grau de identidade. Se o emissor e o destinatário estiverem dotados de códigos iguais e totalmente isentos de memória a compreensão entre eles seria perfeita, mas o valor da informação transmitida seria mínimo e *essa* informação, rigorosamente limitada. Assim, Lotman inaugura uma nova definição de texto que deixa de ser um objeto estável para ser concebido como uma intersecção dos pontos de vista do autor e do público. Neste aspecto, o ato comunicativo não é uma transmissão passiva de informação, mas uma recodificação. Tal definição de texto nos lembra a crítica de Henri Lefebvre (1999) aos althusserianos por apagarem a ação dos sujeitos no processo de comunicação. Segundo ele fatores importantes como a vivência dos receptores, a "decodificação pelo cotidiano", as mediações e os lugares dos sujeitos foram esquecidos.

Visto deste ângulo, Brasília constitui um texto semiótico, cujas tensas intersecções convergem para a semiosfera, que por sua vez conformam subestruturas e subtextos. Ler Brasília na perspectiva de Lotman (1996) nos convida a ver o espaço definido e marcado fisicamente como um espaço simbólico onde se narra um texto cultural.

Para explicitar melhor, o olhar retrospectivo permite ao historiador analisar o passado a partir de dois pontos de vistas: encontrando no futuro relação com que o foi descrito ver frente a si a cadeia de ações realizadas, transformando-se o passado de acordo com o olhar da mente; e olhando desde o passado e conhecer os resultados do processo no presente. Isso representa dizer, que o historiador tem a capacidade de “estar ali”, para depois ter a

capacidade de escrever um texto que narra a cultura no momento de sua reflexão “estar aqui”. Para Lotman (1988), a posição do historiador pode ser comparada a de um espectador que vê pela segunda vez uma obra de teatro: por uma parte, sabe como acaba uma obra em cuja trama não há nada de imprevisível. É como se encontrasse no tempo passado do qual obtém conhecimento o desenlace, mas como espectador que olha a cena, se encontra no presente e tem de novo o sentimento de ignorância, como se não suspeitasse de que forma termina a obra.

Isto porque o olhar do historiador é um processo secundário de transformação retrospectiva. O historiador olha o acontecimento com um olhar dirigido do presente ao passado. Este olhar, por sua própria natureza, como lembra Lotman (1988), transforma o objeto de descrição. Ele parte da inevitabilidade do que aconteceu, mas sua atividade criativa se manifesta em outro lugar do presente.

Assim, ao observar a cidade de Brasília na postura de Lotman (1993) faz necessário definir quais foram os sistemas semióticos que deram existência à cidade como um espaço sociocultural e depois situar e definir o que permitiu a interação entre os sistemas.

A primeira questão é que Brasília, no imaginário social, foi sonhada como uma grande e nova civilização. Caracterizada pelo ideário de fartura e abundância, o paraíso dos trópicos, parece ter sido a realização da profecia do jovem padre salesiano João Bosco que renunciou o nascimento “na região de Goiás de uma grande civilização... a bordo de um lago, entre o paralelo 15° e o 20°”. Em outras palavras, a cidade construída no “meio do nada”, nas palavras de Juscelino Kubitschek, nos leva a pensar a cidade como um ecossistema desordenado e vazio de significado e esperando um segundo sistema semiótico, *que* neste caso foi o mito fundador religioso e centro do país.

Este espaço tem sintetizado e incorporado diversos sistemas semióticos provenientes de outras culturas, da política e da arte. Como afirma Holston 1993:74), Brasília “dá forma e identidade a um meio geográfico não civilizado, o Planalto Central, que será dominado e ocupado por uma raça de heróis”. Assim, o discurso de uma cidade modernista, berço de uma nova civilização, encerra uma espécie de realidade capaz de consolidar um novo homem.

Entretanto como nos lembra Barroso:

O urbano não pode ser entendido apenas como espaço. A

espacialidade urbana em que tudo adquire corpo é um lugar dinâmico, feito de ódios e amores, de conflitos e distensões, cujas relações humanas são vividas diariamente. (...). Vivências cotidianas estruturam as práticas sociais do ser e definem a forma de viver na urbes. Nesse sentido, a cidade nunca está acabada, torna-se uma construção contínua ressignificada, diariamente, por seus habitantes (BARROSO, 2005: 27).

Assim, a quase meio século de sua inauguração Brasília sofre a semiose e cria novos significados. Pensada para abrigar uma população de 500 mil habitantes, Brasília hoje já possui mais de 2 milhões de habitantes que convivem com extremas contradições sociais.

A segunda resposta, a interação entre os sistemas, se encontra na primeira resposta. A designação do centro do país não representava vantagens geográficas, a não ser um meio de povoar os sertões brasileiros, por isso, teve que se justificar dentro da ordem do simbólico, *o que* abriu a porta ao segundo sistema. Como bem observa Lourdes Bandeira (1977), a profecia de Dom Bosco não é a única sobre a construção da cidade, apesar de ser a mais considerada e citada pelos estudantes, historiadores e políticos da cidade. Assim, a cidade tem convertido em um texto que está em processos de integração e desintegração.

Lotman (1996) menciona cinco funções do texto nos processo de integração e desintegração. O primeiro é o acordo entre o emissor e o receptor. O texto cumpre a função de uma mensagem dirigida a um auditório. Brasília é usada e seu uso é um meio para comunicar algo, de maneira oficial ou de maneira não oficial. Brasília alberga e transmite mensagens. A designação da cidade para realização de eventos, não é arbitrária, é plenamente intencional e carrega uma carga simbólica ideológica.

O segundo relaciona-se ao acordo entre o auditório e a tradição cultural. O texto cumpre a função de memória coletiva. Esta memória é dinâmica, se enriquece a cada dia com os acontecimentos e também pode encerrar alguns aspectos que podem ficar esquecidos temporariamente ou definitivamente. Brasília, ao alojar mensagens, cumpre também com a função de memória. *Esta* pode ser uma memória que perpetue certos acontecimentos que tendem a converterem-se em arquétipos históricos, políticos, sociais, culturais ou religiosos. Brasília responde e tem reproduzido a diversas tradições culturais, ao ser um espaço de rituais, principalmente de poder, portanto, imerge e emerge.

O terceiro, o acordo do leitor consigo mesmo. O texto é um espelho do destinatário e reflete parte de sua própria configuração. As decisões políticas, as diversas reivindicações trabalhistas, a questão rural e as lutas sociopolíticas de caráter mais geral, são momentos que permitem a toda personagens se vêem como homens de poder. Brasília é ao mesmo tempo uma Brasília cheia, uma Brasília vazia, uma Brasília adornada, carregada de símbolos e uma apartada pela força ou uma Brasília aberta, livre e honesta. Brasília se converte num espelho

de seus destinatários e de seus usuários.

O quarto é o acordo do autor e do leitor com o texto. O texto não é somente mediador entre o emissor e receptor, mas também estabelece graus de interação com o autor e com o leitor. Segundo Derrida (1995) o texto pode separar-se completamente do autor e ser independente, para entrar em um acordo autônomo com o leitor e produzir novos significados que não estavam contemplados originalmente. Neste sentido, as palavras não reconhecem autores individuais, pois estes são coletivos. Como observa Barroso:

a ordem cidadina cria modos próprios de aparição “em gestos que são corpos e dão corpo a cidade” (...) os brasilienses construíram um espaço de reprodução simbólica além das fronteiras do discurso fundador. O candango constituiu uma personalidade moderna na qual recriou o espaço e deu um novo sentido ao mundo da vida (BARROSO, 2005: 49)

O quinto é o acordo entre o texto e o contexto cultural. Este ponto pode ter uma dupla interpretação. Primeiro, que o texto se converte em um receptor de informação e em uma forma simbólica, que descobre novos aspectos de si mesmo ao trocar de situações. Assim, o texto é uma forma simbólica, que como elemento estruturado, está aberto a agregar mais significados, portanto, seus processos de reconfiguração não têm limites nem prazos. Segundo, quando o texto se converte em contexto, neste caso os processos de integração e desintegração são mais evidentes. O texto de cultura, como forma simbólica, integra-se como parte do contexto e deve ser analisado no contexto sócio histórico.

Neste aspecto, Brasília é mais do que uma reunião de belas obras arquitetônicas onde se exercem atividades de índole legislativa, jurisdicional ou executiva. Ela é, também, um texto cultural, pois em suas linhas espaciais e geográficas, lêem-se episódios relevantes para a construção da memória do país. É certo que, por sua força simbólica, Brasília continuará a ser um texto no qual se registrarão outros textos, sempre a espera de um leitor.

Referencias bibliográficas:

- BANDEIRA, Lourdes e SIQUEIRA, Deis. O Profano e o Sagrado Na Construção Da “Terra Prometida”. In: NUNES, Brasilmar Ferreira. (org.) *A Construção do Cotidiano*. Brasília. Paralelo 15,1997.
- BARROSO, Eloísa P. “Brasília: a cidade entre o mito e a razão” In DOSSIÊ: BRASÍLIA: Sociologia Urbana de Brasília Reflexões e problemáticas relacionadas. (Disponível em <http://www.urbanidades.unb.br/index.html>, capturado em 21/02/2007)

- COSTA, Lúcio. Relatório do Plano Piloto de Brasília, Brasília, GDF Arquivo Público, 1991.
- DERRIDA, J. *A escritura e a diferença*, São Paulo: Editora Perspectiva, 1995.
- FREITAG, Barbara. *Cidade dos Homens*. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro. 2002.
- HOLSTON, James. *A Cidade Modernista: Uma Crítica de Brasília e Sua Utopia*. Tradução de Marcelo Coelho. São Paulo. Companhia das Letras, 1993.
- LEFEBVRE, H. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
- LOTMAN, Iuri. *Estrutura del texto artístico*. Madrid: Ediciones Itsmo, 1988.
- _____. “La semiótica de la cultura y el concepto de texto” In *Escritos 9*, enero-diciembre, Puebla, México: Centro de Ciências del Lenguaje, 1993.
- _____. *La semiosfera I: semiótica de la cultura y del texto*. Madrid: Ediciones Cátedra, 1996.
- _____. *La semiosfera II: semiótica de la cultura, del texto, de la conducta y del espacio*. Madrid: Ediciones Cátedra, 1998.
- MEDINA, Cremilda (org). *Narrativas a Céu Aberto: Modos de ver Brasília*. Brasília, UNB, 1998.
- NUNES, Brasilmar Ferreira. Brasília: *A fantasia corporificada*. Brasília. Paralelo 15, 2004.
- _____. (org.) *A Construção do Cotidiano*. Brasília. Paralelo 15, 1997.
- PAVIANI, Aldo (org.). *Brasília: Moradia e Exclusão*. Brasília. UNB, 1996.
- _____. *Brasília: A metrópole em Crise*. Brasília. UNB, 1988.